

ENTREVISTA 9

E. Então dona Graça ia-lhe perguntar a sua idade.

e. 57

E. E o seu estado civil?

e. Sou divorciada.

E. E em termos de escolaridade? Qual é o seu...?

e. Sou professora do ensino básico. 1º ciclo/ ensino básico.

E. E agora já...?

e. Já me aposentei.

E. Já está aposentada. Trabalhou como professora primária, então.

e. Com 34 anos faz, fez cinco no Domingo que me aposentei, mas com a situação completa! Com os anos de serviço, com os anos de idade e tudo! Saí...

E. Esperou até aí?

e. Esperei! Estive dois anos na direcção de uma escola, sem alunos e sim!

E. Ia-lhe perguntar: há quanto tempo é que a dona Graça é voluntária aqui no hospital?

e. Ai, já não sei! Nunca fui voluntária noutra sítio, mas, não sei, não tenho ideia nenhuma quando é que... depois, depois que ele abriu de novo estive cá sempre, em antes já não, já não me recordo!

E. Mas entrou com as primeiras colegas do voluntariado ou...?

e. Sim, sim, porque eu fui com a dona Ermelinda fazer, ela é que me convidou, para ir a Coimbra e íamos para nos colocar todas e depois ficámos à espera que as obras acabassem para começar a trabalhar.

E. Humm, humm.

e. A fazer o voluntariado aqui.

E. Então foi àquela formação da Cáritas em Coimbra também, no início.

e. Fui sim senhora, fui sem senhora. Fui, fui, fui.

E. Então está cá desde o início? Desde a dona Teresa, desde a dona Leonor...

e. Foi. Foi. Sim.

E. ... a dona Ermelinda. Faz parte das voluntárias que iniciaram?

e. E elas já tinham começado em Coimbra. Aqui, aqui eu vim e elas também começaram acho que primeiro aqui ou aqui? Eu comecei só depois que ele é novo.

E. Depois que o hospital foi renovado, não é?

e. Sim. Sim.

E. E como é que começou a ser voluntária? Foram as suas colegas que lhe disseram?

e. Foi a Ermelinda que me convidou para eu fazer e reuniu-se lá em Coimbra e depois vi que eu gostava, já estava, já dava catequese, já ajudava famílias que, às vezes, iam lá a casa e não tinham roupa ou ... agente já arranjava por aí de qualquer maneira! Depois continuei. Na escola, arranjava, levava o comer para outras famílias, com a ajuda da irmã Isabel, que era enfermeira aqui; havia famílias que ela conhecia e eu também e a minha filha estava num grupo de jovens vicentinos e aquilo era uma cadeia – arranjavamos uns para os outros! Eu gostava desse serviço e fiquei! Depois trouxe o meu pai para casa, para minha casa, e isto até me ajudou, porque a gente leva, quer dizer, vem aqui buscar uma forcinha para ir para casa! Para não pensar antes que são só os nossos que estão assim! Isto dá força para continuar em casa! Prontos e a pessoa sucessivamente...

E. E o seu pai já está há muito tempo em sua casa?

e. Já está na minha casa vai fazer 5 anos em Novembro.

E. Foi ao mesmo tempo que se reformou, quase!

Sim!

Que, que tem lá. E, teve, assim, algum motivo, já explicou então, um bocadinho, que acha que sempre, que sempre teve essa tendência para fazer alguma coisa pelos outros, não é?

e. Sim.

E. O que me estava a referir há pouco.

e. Sim, sim, sim.

E. Ia-lhe perguntar se teve algum motivo ou alguns motivos em especial que, para fazer voluntariado a nível hospitalar. Alguma coisa que a levou a querer fazer ou...?

e. Eu sinceramente que não gostava, porque no hospital da Universidade não me sinto, assim, muito bem, mas, não gostava e até dizia assim: “ Olhem, quando eu estiver doente nunca me tragam para este hospital que eu não respiro cá bem!”, normalmente ia

aos Covões ou qualquer coisa! Entretanto, a minha filha teve uma doença aos 13 anos, esteve lá muito tempo, já voltou a estar, foi operada e não sei quantos e a minha filha tinha muitas visitas, a gente andava por corredores e havia pessoas que nós... e depois, quando tive esta oportunidade eu fui, fiz a opção.

E. Então acha que essa parte da história da sua vida também, de alguma maneira, a fez pensar de uma maneira diferente?

e. Sim!

E. E ver, e ver...

e. Há sempre um motivo pelo qual fazemos as coisas!

E. E como é que a dona Graça se caracteriza enquanto voluntária? Como é que acha que é enquanto voluntária?

e. Ai, se eu penso em falar disso, até me custa exprimir de mim

E. É para todos! Nós todos quando falamos de nós, ficamos sempre assim...

e. Eu, eu, eu...não sei. Eu gosto de cá estar! Gosto de fazer voluntariado e de ver, e também vejo nas pessoas, que eu passo, mais a minha colega “Lá vêm os nossos anjinhos!” – quando já nos conhecem! Outros que nunca nos viram: “Lá vêm os nossos anjinhos!” – ah, não sei! E será que as pessoas gostam? Ainda agora vinha de lá de cima e uma senhora disse: “ Olha, esta senhora está sempre a brincar!”. Eu não sou muito alegre, mas aqui parece-me que sou mais! Eu sou um bocadito chata! E a minha colega que anda comigo também é, mas, de vez em quando, aqui, abre-se qualquer coisa cá dentro, uma porta que se abre só, de vez em quando e as pessoas dizem isto e é porque gostam, não acha? É isso só que eu sei dizer, mais nada.

E. Então, acha aqui, nas horas que passa aqui a fazer voluntariado, acaba por ser até mais sorridente e mais extrovertida do que na sua vida, é isso?

e. É! Sou, sou! Sou mais extrovertida aqui do que sou por lá! Porque eu também a morar em casa só com os meus pais, a minha mãe também está lá, mas a minha mãe ainda anda qualquer coisa e é uma vida, assim, muito monótona! Eu sempre que tenho tempo escapo-me: ou vou para os bordados ou vou para a catequese ou vou... porque se temos uma pessoa doente temos que lhe dar condições para fazermos a nossa vida! Foi assim que lá no lar me ensinaram e é assim que eu faço.

E. Humm, humm. Claro! Para se cuidar também a si própria, não é?

e. Porque se eu olho para o meu pai muito tempo e se eu me sento na sala aonde ele está, é sala, é quarto, é tudo e me lembro do que o meu pai foi, eu, eu tenho que desaparecer! Ou eu choro ou tenho que desaparecer, então, tenho que desaparecer porque eu não posso olhar para o meu pai e ver o que ele foi e o que ele está! Não sabe que está!

E. Custa-lhe, não é, ver? No fundo, é ...

e. Quem conheceu o meu pai, agora, nunca mais foi lá vê-lo! Ou, viram-no a primeira vez, o meu pai deixou de ter visitas, porque aquele não era o homem que as pessoas conheciam, não era o homem que se levantava e ia a Lisboa falar com o ministro, tinha o número de telefone da assembleia e telefonava-lhe, um analfabeto! – o meu pai tem a 3ª classe! Mas era aquela pessoa dinâmica, que se lembrava de que, de fazer trabalhar com os outros, portanto, aquilo já vem de família, que se lembrava que a aldeia, sei lá, precisava de um relógio, uma torre e arranjava maneira de o conseguir, precisava de um regadio ou de acumular água para o verão, por causa dos incêndios nas florestas e o fez e, e que se lembrava disso e que vinha à Câmara e fazia a exposição e que ia a Lisboa e ao Ministro não-sei-quê e ao Engenheiro não-sei-quê, que conhecia aquelas turmas e ia ao Ministério e que um dia disse: “ se algum dia eu morrer a vir de Lisboa para cá eu quero que a minha urna leve a bandeira nacional, porque eu...”, é a nacional?, “porque eu quando vou a Lisboa e volto eu ando sempre a trabalhar para a nação e para a minha terra!”, a terra da minha mãe. Era isso que ele dizia sempre (...). Estar sempre lá, e ele já tinha depressão e ainda não aprendi, há 5 anos e ainda não aprendi que ele já tinha depressão! Isto faz-me bem, porque levo daqui coisas que os doentes, às vezes contam, que em casa não têm ninguém. Eu, uma vez que o meu pai não me conhece, desde que está em minha casa nunca me reconheceu, nunca chamou pelo meu nome e pelo do meu irmão até chamava, e, e, portanto, está assim, mas ainda há piores! Mas tem ao menos uma família para estar! E estes aqui, coitadinhos, não têm ninguém! Muitos, muitos, não, alguns! É isso que eu...

E. Temos que ver sempre as coisas pelo lado, pelo mais positivo que conseguimos, não é? E quando nos comparamos com os outros, acabamos por ter essa...

e. O meu pai foi emigrante durante 20 anos, mas nunca nos levou, porque estive em países estrangeiros, estive na África do Sul, estive em Moçambique, mas por conta de África do Sul, em Cabora Bassa e ele dizia que estava lá por nossa causa, porque não queria que os filhos andassem a cavar terra para os pés, nem a amassar massa como ele andou. E depois quando nós tivemos sempre nos colégios, eu depois estive em Famalicão e, depois, quando foi a altura de tirar, de sair do colégio e para escolher um curso, ele escolheu o meu, porque achava que ser professora primária na altura que era assim um curso de senhora, que até dava para a gente se governar e para um homem esse curso era pouco. Então, o meu irmão era engenharia, seria engenheiro, e eu seria professora e achava, ele é que escolheu os cursos! Por acaso eu até gostei do meu e quando fui para lá não fui com muita vontade, era professora que eu queria ser, só que não era do ensino básico! Mas pronto, até correu bem e eu passei a ter gosto. Só que o curso que ele escolheu p'ro meu irmão, não deu nada! Ele não o chegou a tirar! É empresário, mas um curso, não tirou. Não era a vocação dele e o meu pai queria que ele fosse engenheiro. Pronto, mas tudo bem, tudo bem, er assim! Naquele tempo era quase assim, não se tinha hipótese para escolher os cursos e ele não tinha hipótese para – ele tinha dinheiro para mim, mas dizia ele “não sei se tenho dinheiro para os dois andarem na universidade!”. Portanto, eu ia para um curso mais pequeno e o meu irmão ia para

um curso onde se gastava mais dinheiro. Tudo bem, até deu! Eu tirei o curso num tempo bom, bom, quer dizer, em princípio era mau (risos), mas depois tornou-se melhor! Eu gostei do que fiz e continuo a gostar do que faço e gosto, e gostei de ser professora, fiz o meu trabalho, fiz asneiras como todos fazemos, pelo menos fiz duas escolas, sem o meu dinheiro, mas do meu trabalho e estou feliz por isso.

E. Já é muito bom, não é?

e. Pois.

E. A dona Graça é voluntária aqui em que serviços do hospital?

e. Lá, agora é lá em cima, na, na unidade de convalescença, mas também vimos a cirurgia. E, antes, quando isto continuava, era em medicina e em cirurgia, nós fazíamos isto, os dois, quando tínhamos tempo! Era, era sempre em medicina, quando tínhamos tempo íamos à cirurgia, quando não tínhamos, íamos só à medicina. Agora, agora fazemos a mesma coisa, estamos na unidade de convalescença e quando temos tempo, vimos à cirurgia. Porque, às vezes, está lá pessoas conhecidas e tal, e fazemos isso assim.

E. Teve alguma formação específica antes de iniciar o voluntariado?

e. Só foi esse curso, aí do...

E. O da Cáritas?

e. Sim.

E. Que é uma semana, não é?

e. Foi! E, depois, aqueles quando vocês nos convidam, não diziam para que é que nós, só faltei a um.

E. O do Banco local de voluntariado, não é?

e. Sim!

E. E, também, tiveram agora em Maio aqui, não foi? Eu não sei se a senhora integrou também ou não...Uma formação que houve numa 6ª feira de Maio...

e. Não vim! Não estive cá!

E. Pelo, pelo hospital.

e. Ah! Aqui em cima? Estive, estive, estive! Foi de manhã e de tarde?

E. Sim.

e. Estive! Eu tinha, tive um acidente, até, lá não tinha uma canadiana, (...) deslocar-se.

E. E acha que é importante? Relembrou algumas coisas?

e. Aquilo era um bocado de burocracia! As razões de ser disto agora, é sempre preciso, aprende-se sempre qualquer coisa! Já, já não me fica tudo na cabeça, mas a gente aprende sempre qualquer coisa!

E. Era a explicar a rede de cuidados continuados, não é?

e. Era, era! Lá aquelas siglas todas....

(risos)

E. E, assim, que tipo de apoio é que é prestado pelo hospital ou pelas outras entidades? Assim, quando as, quando precisam de recorrer como é que vocês fazem?

e. Recorremos tudo à Dr.^a Paula, a Dr.^a Paula é que encaminha se nós precisarmos, mas nunca precisei de nada. Ela telefona-nos para, quando tem alguma coisa de novo para pedir ou para dar ou para pedir ajuda para, assim, a festa de Natal, ele convidava-nos, participávamos, gostava que estivéssemos e nós fazíamos um esforço para estar!

E. E...

e. Mas os contactos que temos é sempre com a Dr.^a Paula.

E. É quem, no fundo, vos coordena, não é, nesta actividade.

e. É, é.

E. Há, assim, alguma regra específica ou algumas regras específicas por parte do hospital que as voluntárias têm que seguir?

e. Directamente do hospital, nunca ninguém nos disse nada. Mas nós sabemos que, quando o doente tem uma seringa para se alimentar nós não pegamos, quando o doente tem um, um iogurte, pois perguntamos sempre ao enfermeiro se podemos dar, se podemos levantar acama, se podemos dar o iogurte, se podemos dar o lanche, se, ele às vezes, até responde: “ Se conseguirem, se se atreverem , se ele comer!”. Pronto, não é, normalmente os enfermeiros, a parte, o trabalho dos enfermeiros... e há, por exemplo, estão sujos, os doentes estão sujos, a gente cheira, a gente comunica, parte do trabalho, nós vimos mais para conversar e eles conversam, alguns noutras camas, coitadinhos, só ouvimos o nome, nem falam! Eles olham para nós, mas não dizem nada, outros estão a dormir e com as enfermeiras, nós, quando levantamos, um quer-se levantar da cadeira e quer ir para a cama, a gente vai perguntar se vai ou não vai e ele dizem, dizem-nos se o podemos pôr na cama, se o pudemos tirar, mas normalmente, tirar um doente da cama para a cadeira eles não, não... não deixam, porque eles é que, pode acontecer algum mal e eles é que são os responsáveis, não é? Agora o comer eles, não sei, se quando é pela sonda... nós estamos cá é para fazer essas coisas! Eu não sei e nós precisamos até de, já dissemos: “Nós precisamos de aprender! Eu preciso de aprender, porque tenho lá o meu pai e qualquer dia ele não come!”. Só que levam tudo na brincadeira!

E. Humm, humm. E há, assim, alguma coisa que, já me indicou algumas, que vocês não fazem? Que nunca devem fazer ou que não...Já me acabou de mencionar algumas, não é?

e. Sim, não, não, nunca levamos, nunca fazemos, conversar, conversamos, nunca mudamos de sítio, nunca deitamos ou levantamos ou levamos à casa de banho sem ordem da enfermeira.

E. Então, e nessa perspectiva, qual é que a dona Graça acha que é o papel do, da voluntária no hospital? Qual é o vosso papel?

e. É mesmo o de comunicar com o doente! É fazê-lo falar, para pôr cá fora as suas coisas e darmos alguns conselhos, que saibamos dá-los! Ter uma palavra amiga, ter uma palavra de conso, de consolo, é isso que nós devemos fazer! É mais a parte psicológica que nós aqui fazemos, o nosso papel é psicológico, um papel pessoal, é isso que nós queremos, fazemos porque queremos, que aqui ninguém nos pede nada!

E. Humm, humm. Então e que conselhos é que costumam dar, assim?

e. Por exemplo, já nos têm pedido, às vezes, “ Ai, não me arranjam uma pessoa que tome conta de nós? Não nos arranjam, não sabe, não conhece um lar?”, nós encaminhamos, estes, estas pessoas para a Dr.^a Paula, às vezes ela já sabe, mas eles tornam a dizer e a gente diz, à Dr.^a Paula!

E. Sim, sim, sim.

e. Nós não conhecemos, a questão do lar, mas nunca, nunca lhe dizemos que não podemos ou que não sabemos, não é esse o nosso papel aqui! Mas também não é guardarmos aquilo que eles nos dizem, esses pedidos que nos fazem! Depois, depois transmitimos a quem? À, à Dr.^a Paula. Já uma vez estava aqui um doente que me conhecia que a filha dele, que a filha queria que ele fosse para um lar, mas ele não queria ir, queria ir para casa dele. Então ele, ela quando me viu ficou eufórico, mas eu com, com a filha não me comunico muito bem. Nunca por nunca tive nada com ela, mas por causa da psicologia dela (risos) eu não me dava com, ela não se dava com a minha, mas a gente afasta-se e dá-se sempre bem assim. E, então, ele queria falar comigo, mas não queria que a filha ouvisse! Então transmitiu à, à irmã Margarida, para me comunicar para eu cá vir! Então eu vim cá, deixaram-me entrar, ainda não funcionava, ainda não tinha a unidade lá a funcionar, era hospital. A irmã comunicou comigo, eu saí, depois voltei a entrar, quando os familiares não entravam, eu já era voluntária, então quando os familiares não entravam, deixavam-me entrar a mim, para o homem falar comigo e assim. E eu consegui convencê-lo a ir p'ro lar! Pronto, consegui! E ele foi para o lar e ainda hoje lá está, não morreu, está lá!

E. Aceitou melhor da sua parte, vindo de si...

e. Aceitou, aceitou melhor! E com a filha estava a refilar! E a filha tinha pedido à irmã para o convencer! A irmã quando me cá viu disse: “Conheces?”; “Eu conheço, muito

bem! Dou-me muito bem com ele!"; "Olha, eu encontrei a filha e tal, és capaz de conversar com ele? Ela pediu, mas eu não tenho, assim, muito tempo, também não o conheço, não sei o que pensa!", "Eu faço, faço isso!". Sei que fui à Curia, levar ao comboio e não sei quê, estive aqui e saí de noite, pela emergência, porque já não saía pela porta é um homem que ficou, ficou convencido! "Ai, eu gostei tanto de estar a conversar contigo! - ele, "Vocês fazem muito bem!".

E. Quanto tempo é que a dona Graça dedica ao voluntariado?

e. Olhe, normalmente são duas horas, quando tem que ser mais, fica mais!

E. Normalmente vem à 4ª feira, não é? Das 3 Às 5?

e. Era, era à 2ª, depois passou para 4ª e é das, é das 3 às 5, por acaso era das 4 às 6, agora, por causa da colega que vem comigo, é das 3 às 5.

E. E como é que organiza a sua vida? É fácil, não é fácil de gerir?

e. Sei que aquele dia está ocupado, preparar para sair, àquela hora de sair saio, tenho a minha vida, tenho os meus animaizitos, tenho, faço o almoço, almoçamos, depois venho-me embora, tenho lá uma senhora, uma empregada que está 4 horas de tarde, ela já lá fica quando eu saio, tenho a minha horta, mas nesse dia não há horta para ninguém!

E. Humm, humm. Fica parada, não é? Ia perguntar à dona Graça como é que é um dia no hospital a fazer voluntariado desde que entra? Quando entra a porta lá de cima, para entrar para o hospital, a seguir o que é que... qual é o seu circuito, o que é que faz, em termos de actividades?

e. Vou lá acima, vou lá cima vestir a minha bata, desinfectar as minhas mãos, começamos lá na unidade de, lá na, como é que se chama, na convalescença, começamos logo por aqueles que já estão sentados, começamos com eles, a gente pergunta sempre de onde é, se tem filhos, lá a família, de onde é que veio, para onde é que vai quando estiver melhor? É a nossa conversa! E, e levamos as enfermarias todas seguidas, depois de lá estarmos descemos, vimos cá em baixo à cirurgia, depois vamos desfardar e desinfectar outra vez e vamos embora.

E. E porque é que uns dias dá para descer e outros dias não? Assim, qual é a ...?

e. Porque há doentes, como já lhe disse, há doentes que têm necessidade de falar mais, nós às vezes estamos quase na hora e não, às vezes a minha colega é num e eu noutra, diferentes, às vezes é as duas num e, e, pois se não dá, não dá! Quando, temos a preocupação, quando estão familiares, nós não intervimos! Só, há familiares que até pensam que nós somos médicos ou qualquer coisa...

E. Auxiliares...

e. ... e pronto, saem logo. "Não, não, nós não somos médicas, nem auxiliares, nem somos nada!" – está a família? Nós vamos embora! E aqui, e hoje aqui em baixo não foi

preciso, porque estava muita gente a visitar os doentes e outros a preparar-se para ir para a operação, foi só entrar e sair!

E. E o que é que a dona Graça mais gosta no seu trabalho de voluntária?

e. Gosto de tudo! Quando vejo que uma pessoa que nós falamos com ela e que ela responde, não responde àquilo que nós perguntamos, choca-me um bocadito, porque me lembra muito o meu pai! E quando falamos para aqueles que não nos respondem, olham para nós e não nos respondem, lembro-me muita vez do meu pai, que é assim que ele está agora! Chamo-o, se eu lhe chamar pai, ele não me liga nenhuma! Se lhe chamar Manel, não é Manuel, é Manel, ele olha, faço-lhe perguntas: vamos aqui, vamos ali, está quente, está com calor, está com frio, tem fome, tem sede? Ele não me responde nada! Eu lembro-me dele, o mal de muitos é conforto, mas é o meu; se calhar não é só o meu, há mais como o meu!

E. Mas isso é uma coisa que a faz sentir confortável, que gosta ou que não gosta? Gosta porque sabe que não é isolada?

e. Gostar, não gosto, ninguém gosta de ver os nossos males, mas, é, é confortável. Gostar? Gostar, mesmo gostar, não gosto! Mas é um conforto!

E. É um conforto.

e. De, de adormece e acorda e lembra-se de, lembra-se, lá lembra-me sempre do meu pai, até porque tenho que me levantar de noite, para o posicionar, para o mudar e, e vejo-o assim, mas lembra-me sempre “Olha, está ali fulano assim...”. Ainda hoje, ao entrar, estava um senhor que ia sair da fisioterapia que é muito mais novo que o meu pai, que eu conheço, porque tem família na minha terra, embora lá não more, ainda lá vou muitas vezes, que é muito mais novo que o meu pai, e conversei com ele e o senhor perguntou-me pelo meu pai, ainda, e começou a chorar! Conhecia-o muito bem, ele trabalhou na terra e conhecia-o, e conhecia-o muito bem e depois nem conseguiu! Começou, perguntou pelo meu pai e não perguntou mais nada, começou a chorar e eu digo assim: “Eu agora não saio daqui enquanto o senhor não me perguntar”, mais, o que queria perguntar! O meu irmão, (????) o meu pai.

E. Pois.

e. Também está, quer dizer, não está assim, tem a cabecinha dele, mas, ele tem é só a cabeça para enfeitar e ele ainda pensa, é diferente! E sente, nunca foi lá ver, mas toda a gente lhe diz e, que, que ele que está assim, e a esposa até disse: “ ainda hoje me perguntaram” se o meu pai “morava ao pé duma ponte”? eles chamavam-lhe o “Manel da Ponte” e nós era, um primo nosso a nossa alcunha era tudo “ponte”! E que “Ele já morreu, não morreu?”; “Não, não está! Ele está é em Anadia!”. A casa fechada! As pessoas passam lá e vêem a casa fechada, não vêem ali ninguém e tal, “diz que morreu”; “ Não, não morreu, está em casa da filha!” e eu assim: ”Não se preocupe que eu já recebi muitos sentimentos do meu pai! Pessoas que me dão os sentimentos pelo meu pai, do meu pai!”. Não foi, assim, uma boa recepção, mas depois passou!

E. Pois, foi assim um...

e. Foi, foi.

E. São coisas que acontecem, não é?

e. Pois, eu...

E. Mas pronto, hoje foi a sua entrada, então hoje já foi...

e. Hoje foi diferente, mas depois passou-me! Se não viesse aqui já me tinha esquecido, agora lembrou-me outra vez!

E. Olhe e tem, assim, alguma coisa que a dona Graça menos goste enquanto voluntária?

e. Não! Não gosto de ver, por exemplo, quando eles estão, assim, muito babados e isso, custa-me ver isso, mas também, também limpo, se for preciso!

E. Porque vê que as pessoas estão num estado...? O que é que a afecta mais?

e. Sim. Já, quer dizer, já não engolem, já não...penso no meu pai que também se baba, pronto! É, é sempre uma ligação! Pelo meu pai eu posso sofrer mais um bocadinho, porque estes não são nossos, mas quando tem o nosso assim, choca um bocadito! Mas passa, não ando por aí no hospital a chorar! Isso não.

E. E o que é que faz, assim, para passar? Tem alguma estratégia ou quando sai daqui tenta fazer outra coisa ou tenta só não pensar nisso? Como é que a senhora...?

e. Eu saio daqui e não penso mais! Só penso no próximo dia, na próxima semana! E hoje até trazia um recado de uma senhora que está ali, que tem, como é? Um problema nos ossos que se partem mesmo a andar?

E. Osteoporose?

e. Osteoporose! E ela está ali toda engessada, é um pé, uma perna, é até aqui acima, e ela gostava muito de ir à missa e agora não pode ir e também não a podemos levar, não temos aqui missa, não a podemos levar e na semana passada, eu tenho confiança aí com o padre da paróquia, a minha colega disse assim: “O padre que a venha cá visitar!” e eu disse-lhe “Olha, para a semana, vou dizer ao senhor padre que venha cá visitá-la!” e ela assim “Ai, tão bom!”. Depois ela ouviu-me e ficou, assim, a sorrir-se e eu assim “Ai, trago uma notícia muito má para a senhora!”, “O quê?”, “Porque o nosso padre não está cá, adoeceu e o bispo mandou-o passear, que ele já não podia com as pernas. Mandou-o uma semana para fora. Para a semana ele vem cá!” (...) a senhora estava tão contente; ficou a rir-se para mim, depois ficou triste outra vez, mas eu não tenho culpa! Diz que adoeceu, não sei se adoeceu, se não adoeceu!

E. Não está por cá, então.

e. Não está, só vem sábado!

E. Como é que é, assim, a relação entre as voluntárias e o pessoal do hospital, os que trabalham: os enfermeiros, os médicos, auxiliares?

e. Médicos, a gente vê poucos por aí, a não ser a Dr.^a Paula, com a Dr.^a Paula é boa e com os enfermeiros também, logo que a gente os conheça! São tudo uns homens, uns homens, parece-me que mais abertos connosco do que as senhoras.

E. É?

e. É e o pessoal auxiliar também, que eu conheço muitas aí; e as senhoras também não é só delas, também pode ser de nós! Se elas passarem por nós e não disserem nada eu digo assim: “Boa tarde!”, passam por nós e não dizem nada e eu meto-me com elas! Também não pode ser só de um lado, tem que ser dos dois, não é? Em todo o lado há pessoas mais simpáticas, mais abertas, e menos abertas e menos simpáticas, também não sou simpática sempre! Quando me apetece!

(risos)

E. E acha que o papel de cada um, das pessoas que trabalham no hospital como voluntárias, chocam-se ou complementam-se? Como é que a dona Graça acha que é?

e. Comigo não há choques! Complemento, complemento, complemento, talvez não! Nós ajudamos..., auxiliamos, complementar, não! Auxiliamos, talvez! Nós nunca mudamos uma fralda, por exemplo, damos-lhe comer, damos comer, basicamente ajudamos a eles a dar o comer, não é que ninguém nos peça nada, mas nós é que queremos e eles consentem. Hoje não fizemos nada disso, conseguiram trazer todos para a sala, nós só trouxemos uma, conseguiram trazer todos para a sala e estavam lá dois enfermeiros a tratar deles. Está tudo, diz que estava tudo ok e nós viemos embora!

E. Estavam a dar o lanche, então a todos?

e. Estavam.

E. E alguma vez teve algum tipo de conflito, cá no hospital?

e. Não, nunca!

E. E como é que é a relação com os doentes? Entre vocês, voluntárias, e os doentes?

e. Às vezes, as enfermeiras dizem-nos “determinado doente não quer conversa”, mas nós ainda tentamos, porque às vezes eles, eles que são um bocado rudes, não sei se consciente ou se inconscientemente, mas há enfermeiros que nos avisam, que eles dizem assim umas asneirolas e umas coisas, porque eles sabem que nós vamos para lá e já, já vamos preparadas! Então os enfermeiros até nos ajudam, outras vezes podemos dar a meias o lanche - “se conseguirem, tudo bem!”.

E. Então, nesse sentido, há uma certa articulação, não há?

e. Há, há!

E. Eu, eles para vos dar essa informação, articular...

e. Às vezes até brincam! Ainda não levei o lanche, vamos a outro lado e voltamos e “Então, não vamos dar o lanche a esse?”, “Já está! Já está dado!”, diz o enfermeiro, “ não é para isso que vocês cá estão, para ganhar o dinheiro, não é para ganhar o dinheiro sentados!”, “Exactamente, senhor enfermeiro!” – mandar, assim, umas larachas!

E. E, e tudo comunica no meio dessas larachas, não é?

e. É, é.

E. Mas, assim, como unidade, penso eu que agora só estão um mês e depois 15 dias, não é?

e. É.

E. A relação que conseguem ter com as pessoas é uma relação mais profunda, é mais superficial? Com uns é duma maneira, com outros é doutra? Como é que...?

e. Profunda não que o tempo não dá, mas mesmo assim há doentes que nos contam a vida deles. Eles não, os que falam, nós não averiguar se estão a falar correcto ou não, também ficamos com a ideia que temos, que eles nos transmitem, fazemos o nosso juízo. Eu, às vezes, pelo menos eu e a minha colega, ficamos, assim, um bocado admiradas, estupefactas, será que ele disse tudo certo? Será mesmo assim? Será que há famílias que tratam pais assim? Será, será, será? Pontos de exclamação e de interrogação. Mas pronto, há certo que, há dias que nós vimos para cá e não encontramos nenhuma visita e eles queixam-se dos familiares! E é... ficamos a fazer juízos!

E. Será verdade ou não aquilo que vos dizem, não é?

e. Muitas vezes quando encontramos uma pessoa temos o cuidado de perguntar se é mãe, se é filho, se é tio, se é marido, uma pessoa está a falar e a pessoa do lado de lá vai concordando, vai piscando o olho, e vê que é verdade, não é? Esses conseguimos saber que é verdade o que ele está a dizer, quando é a família a gente não aprofunda tanto. (...) está, (...) nem puxando pelo doente, pode entrar em litígio com ele, pode haver litígio entre o doente e a família, nós seremos as causadoras de uma guerra aqui, então!

E. Claro. Nunca proporcionam nada que vá dar desconforto e conflito, é isso?

e. É. Não, não. Não!

E. Para também não terem que tomar partido, não é?

e. Exactamente!

E. De determinadas às situações!

e. E acho que nem devemos! Se tivermos que o tomar, em frente a eles não! Vimos aqui na administração ou à Dr.^a Paula...

E. E quando os doentes, depois, têm, têm alta hospitalar, depois vocês têm algum contacto com eles?

e. Não, nunca mais temos!

E. Então acabam por não saber exactamente...

e. O que é que lhes aconteceu! Às vezes, alguns, alguns que já conhecemos, acabamos por dizer que faleceu e transmitimos umas às outras, “olha o doente da cama tal, o doente que estava ali, que era fulano e fulano faleceu...” – era o único contacto, mas entre nós! (...)

E. E é difícil, essa situação de algumas pessoas, que depois acabam por partir? Como é que vocês lidam com isso? Como é que gerem? As pessoas que, depois, acabam por morrer.

e. Não gerimos, às vezes, se tivermos possibilidade ainda vamos, se forem de perto, ainda vamos a um funeral, ou pelo menos, sei lá, a gente ainda vamos dar os pêsames à família. Doutra man... se são de longe nós acabamos por não saber ou sabemos umas pelas outras. Olhe, ficamos assim. Ficamos porque sabemos e ficamos com o que fizemos.

E. Também já não podem fazer muito mais, não é? a partir dessa altura...

e. Pois não.

E. Ia perguntar à Dona Graça se há diferenças entre o voluntariado que faziam antigamente, antes de haver a unidade, portanto antes desta reestruturação, como já está cá desde a altura das colegas...

e. Sim...

E. Se há diferenças entre o voluntariado ou o que faziam em termos de voluntariado antigamente e agora, ou se é igual?

e. Lá em cima, na unidade, não há muita diferença. Não, não acho.

E. Não esteve nas Urgências?

e. Não, nas urgências foram outras colegas minhas.

E. Foram a Dona Teresa e a Dona Leonor, foram as únicas que...

e. É, elas é que estiveram nas urgências, eu não.

E. ...que me falaram na situação das urgências.

e. Pois, nós as duas nunca viemos cá.

E. Então acha que é mais ou menos igual?

e. Acho que sim, nota-se mais a preocupação da família ou do convalescente quando está a reagir, quando está a melhorar, que já se vai embora, que estava a ficar melhor mas que se ía embora, é a preocupação que eles nos mostram, e vou para onde? Não tenho para onde ir. E há outros que então, mas vai mesmo embora? Agora só cá venho à fisioterapia... Então já é bom! Mas há poucos, nessa situação. Esta é uma unidade...

E. Há poucos que conseguem recuperar...

e. ...que se podia recuperar, vejo aí muita gente a recuperar.

E. E são todas pessoas de idades mais avançadas, a maioria ou...

e. Não há, quer dizer, não são propriamente novos, não há assim daqueles que têm noventas e... não há muitos desses.

E. São pessoas mais novas?

e. Setentas e oitentas.

E. Conhece outros voluntários fora do hospital?

e. Só conheço isto por ser colega da catequese. Todas somos voluntárias, não conheço mais ninguém.

E. E em relação à relação que tem aqui com as voluntárias? Como é que é a vossa relação? Conhecem-se todas umas às outras.

e. Conhecemo-nos, conhecemo-nos tão bem. A maior parte delas somos professoras. Umhas que já cá nem estão, foram voluntárias e saíram, por questões da vida delas... damo-nos todas bem.

E. Então acha que têm uma boa relação entre todas?

e. Aliás eu não ando zangada com ninguém, se alguém se zanga comigo, se anda zangada comigo, não sei porquê, eu não me zango com ninguém.

E. Dona Graça, eu ia-lhe pedir para me dizer se se lembrar, ou se tiver, um acontecimento ou um episódio que tenha tido em termos de voluntariado, um mais positivo, de alguma coisa que se lembre assim mais positiva e outro mais negativo.

e. Agora não me vem cá nada.

E. Não há assim nenhuma pessoa que a tenha marcado mais, ou nenhuma situação que a tenha marcado mais de uma maneira positiva ou negativa?

e. Houve aqui um senhor que não era daqui que nós, que não era daqui mas tinha aqui terras... e eu vinha cá – ele esteve cá já foi na unidade – e a senhora começou a abrir-se, a esposa começou a abrir-se e nós víamos o senhor a desaparecer. Quando ele estava mesmo em fase terminal - eu penso que se ele não morreu aqui, não deve ter morrido - a senhora que se abriu fechou-nos a porta. E eu fiquei assim, mas o que se teria passado? Eu conversava tanto com ela. E gostava que conversasse muito com ele e pediu-nos para entrar e agora fechou-nos a porta e não disse nada?! Foi! Ficámos como os judeus e virámos a cara! Quer dizer, não gostei! Não, não... o senhor estava a partir, mas eu não podia lá ir, olhe nem que fosse apertar a mãozita dele e pronto e vínhamos embora! Ela não deixou. Essa, esse episódio não, marcou, assim, um bocadito. Agora, uma coisa positiva, é quando me chamam de anjinho! Eu até gosto!

(risos)

“Lá vêm os nossos anjinhos! Quero ir à casa de banho!” e vão-nos chamar e nós levamo-los à casa de banho, vão-me chamar e eles ficam todos contentes, o que é, às vezes, vão-me chamar o enfermeiro ou o auxiliar e dizem assim: “ Ainda agora foi”, mas a gentes às vezes já não lhe aparece, porque senão elas, elas, desancam-nos, não é? Pois. Mas a enfermeira até agora ainda nunca me respondeu mal, só disse assim: “Essa senhora é a da casa de banho? Quer ir, quer estar sempre na casa de banho!”. “Ai, estes anjinhos é que me levam à casa de banho” - diz, ainda hoje, ainda hoje me chamou para a segurar.

E. Então acha que se pode dizer que vocês têm uma certa cumplicidade com os enfermeiros, não é? Essa questão de partilharem! De chegar a pedir e depois responde-lhe isso para vos situar também, há uma certa cumplicidade!

e. Sim, é. Eu, para mim, para mim, apara mim, acho que há mais relação até com os enfermeiros, pessoalmente mais, até do que com o pessoal auxiliar.

E. E acha que é porquê? Porque é a eles que vocês têm que ir perguntar coisas, se podem ou não? O que é que acha? O que é que explica isso? Porque há mais necessidade...

e. Não sei, se talvez os enfermeiros entendam melhor qual é o nosso papel aqui, do que propriamente os auxiliares. Não sei se os auxiliares entendem o nosso papel aqui, não sei se pensam que lhes vamos tirar o trabalho, o emprego, ou não sei. Sei que há pessoas aí com pouca formação ainda mais velhas e a maneira como falam dá alguma ideia de “Assim será? O que é que estas andam para aqui a fazer? Não têm que fazer em casa?”, lá dentro da cabeça delas não sei o que é que se passa, não sei qual é o filme, e ponho-me no lugar delas. Se é, se eu estivesse no lugar delas era capaz de pensar assim! Já cá não vai quem passou! “Não ganham, [não sei se eles sabem que eu não ganho ou não] não ganham, não tiram uma fralda, não tiram o xixi, nem tiram o cocó, se não doer, o que é que vêm para aqui fazer?”. Porque eu, havia aqui uma pessoa conhecida minha que esteve aqui muito tempo, mas depois faleceu, que tem um filho, com quem eu me dou mais ou menos! Um homem mais velho do que eu, mas, pronto, mais ou menos. E

ele, estava sempre aqui a visitar o pai quando nós vínhamos cá. E, às vezes, passava por minha casa e dizia: “O que é que vocês vão para lá fazer conversar? Eh, mas não vão para lá trabalhar!”; “Não! Quem trabalha é o pessoal que lá está a trabalhar, nós vamos relaxar! Só trabalhamos, se estamos...”; “Eh! Nem mudam uma fralda!”; “Pois não, nem os enfermeiros querem que a gente mude uma fralda; é trabalho deles, dizem-nos eles a nós! Nós só os podemos ajudar a dar-lhe comer!”; “Oh, grande coisa!”, “Nós só vamos lá é para isso. Nós não vamos para trabalhar como diz o serviço, senão, suspendiam, mandavam -se os enfermeiros p’ro desemprego e nós trabalhávamos voluntariamente, que ficava muito mais barato ao hospital! O que é que você acha? Então, não é, se eles podem fazer os trabalhos como voluntários sem ordenado, não tinham lá pessoas a ganhar!”.

E. Humm, humm.

e. Mas o homem ficou sempre na dele! “Que é que vão p’ra lá fazer? Vão falar? Vão p’ra lá conversar?”, “Então, é preciso!”. O pai dele não precisava porque tinha ali, tem ali os filhos todos, e quer dizer, são muitos, são oito! E ele que já não tinha nada que fazer, estava aqui sempre! Mas havia outros que não tinham cá ninguém. Ou só tinham mesmo, mesmo, mesmo ao meio do dia!

E. Pois, não, não, são situações como, como essa que permitia que alguém estivesse sempre a visitar!

e. Eu já tive aqui o meu pai e eu vinha aqui de manhã, que já era aqui voluntária o que me permitia que eu viesse cá de manhã, e vinha depois trazer a minha mãe sendo 11 horas e estava cá até à noite! Mas outros que não tinham cá ninguém!

E. Exacto. Cada situação é uma situação, não é?

e. É diferente!

E. E, e, assim, alguma, alguma vez teve assim alguma dificuldade ou uma frustração como voluntária?

e. Não, porque quando faço, sabe aquele ditado “quem corre por gosto não cansa?”, quando eu me proponho a fazer uma coisa, eu não faço nem que tenha, nunca me frustro, nunca tenho frustrações, porquê? Eu quero fazer, digo, é da minha, comprometi-me comigo fazer e tenho que fazer! Digo, digo muitas vezes, já dizia na escola e digo hoje à minha mãe “quando eu não posso fazer as coisas, não me meto nelas!”. Quando eu penso, penso fazer uma coisa, penso primeiro se sou capaz de a fazer ou não. Se eu não sou capaz de a fazer sozinha, também não me meto nela! Peço ajuda antes mesmo de a começar, portanto, eu quis isto, fui convidada, não fui obrigada a vir, fui convidada e aceitei, se aceitei, agora não, agora desenvolvo essa actividade com cara alegre! De espírito aberto, é assim! Se algum dia não posso, não posso arrear! Comigo, mas comigo sempre. Eu até nem me importo de vir sozinha e a minha colega já não consegue vir sozinha! Por exemplo, eu sou capaz de vir sozinha, não tenho problema nenhum em vir sozinha, caso contrário, mas por respeito a ela, porque ela até é minha

colega, mas damo-nos bem e é mais velha, por respeito a ela, ela não gosta de vir sozinha, também não venho, mas sou solidária com ela, mas sou capaz de vir sozinha ao voluntariado.

E. E qual é a sua opinião aqui sobre o hospital, de uma maneira geral, do José Luciano de Castro?

e. Ah, isto aqui está menos aproveitado, do que o que pode estar; eu não posso dizê-lo, mas eu mal lhe peguei. Acho que isto tem poten, potencialidades físicas, que isto não está dotado de potencialidades humana, não está dotado porque eles, ninguém, não sei quem é que não quer, mas alguém não quer, não sei quem, mas vou procurar saber! Não sei não vou, mas serei capaz de saber, mas acho que isto, neste sítio que está, com as obras que tem, com as condições que tem, devia rentabilizar-se muito mais.

E. Mas refere quê? Ter mais médicos a fazer outro tipo de serviços? O que é que a dona Graça...

e. Sim, sim, outro tipo de serviços! E eu até pensava assim, se nós temos aqui instalações, porque é que não contratam? Porque eu, às vezes, ouço dizer, “o hospital não faz porque não tem dinheiro”, o dinheiro não vem todo do mesmo sítio para os outros hospitais e para este? Não sei porque é que este é assim! Se temos aí uma sala, se temos aí assim, porque é que nos HUC, em Coimbra temos doentes nos corredores e temos médicos, que até nem estão a trabalhar, vinham aqui fazer as operações! Penso eu! Claro que isto tinha que ser melhor equipado, para certas e determinadas operações, mas, penso eu, que tinha capacidades, também há inteligências aí que podiam vir aqui! Se eu conheço hospitais que têm, privados, que têm médicos-cirurgiões que já estão aposentados, também podiam vir para aí, então não é? Era... Se não há efectivos, vão buscar outros! Se..., eu estou a falar! Não...

E. É a sua visão!

e. Lá por dentro, lá naqueles meandros lá dentro eu não sei, nem quero saber, nem me quero...só penso que isto está... a gente vai ali à cirurgia, agora, hoje tem muita gente e ontem diz que também teve, disse a menina ali da área da administração, mas a semana passada não tinha cá ninguém! Será que não havia doentes a semana passada?

E. Eles fazem que tipo de cirurgias, cá? Eu, por acaso não, não sei. Quais é que eles fazem?

e. Ah, fazem às varizes, fazem à vesícula, fazem a hernes, fazem... sei lá o que é que fazem mais! Agora já não fazem ortopedia, mas faziam! Com próteses e tudo! Não sei, agora, porque é que não fazem! Portanto, ainda há aí médicos de Coimbra que vêm consultar, não sei se são cirurgiões, não sei porque é que fazem, não fazem outro tipo, fazem... ai, às senhoras é só às pernas, pois é só essas cirurgias de pouca, de pouca espera! Porque é que não vão ocupar as camas lá para Coimbra? Pois é, é isso - varizes, hernes, bexiga... ai, não é isso, próstata, é isso, próstata! E faziam em tempos, eu tenho uma moça que foi minha aluna que tirou aqui um rim! E ainda não foi há muito tempo!

A gente podia fazer aqui essas coisas todas, não está rentabilizado, se quero... Olhe, não sei!

E. Foram aquelas transformações, aquelas adaptações que agora eles, eles enviaram e que eles se tiveram de adaptar com o fechamento das urgências e essas coisas, possível, possivelmente!

e. As urgências também podiam ser aproveitadas para outra coisa! Porem mais um bloco, sei lá, ‘tô a pensar! Pensar, já pensei, ‘tô a dizer, já pensei e continuo a pensar: pôr mais um, mais um bloco, têm ali um, punham outro! E, e, não faziam, faziam cirurgias grandes, porque é que não hão-de fazer? Mais um aparelho, menos um aparelho, então! Agente vai para Coimbra, eu há dias magoei-me, caí aí num lado, tropecei aí no passeio, fiz aqui um traumatismo, uma coisita, mas aquilo inchou, mas eu nem fui a Coimbra, fui ao centro de saúde, passados quinze dias desapareceu-me uma bursite, em parte, fui para Coimbra, eu digo-lhe, sinceramente, estive duas horas para me atenderem, e fui directa, e com pulseira cor de laranja, que eu não aguentava as dores. Fui directamente para a ortopedia e estive lá duas horas para ser atendida! Passei por aqui primeiro, o médico nem olhou para mim. Eles lá não me fizeram nada, senão, fizeram-me uma radiografia, mas eu tinha-lhe dito que não era nada da pancada! Ele, ainda por cima, foi escrever que tinha caído há 15 dias, que eu não tinha ido ao médico! Eu não fui ao médico? Fui ao centro de saúde! Então se eu dobrava o joelho, não o tinha partido, não era? Eu continuei a cair, continuei a dobrar o joelho, passado 15 dias é que me apareceu uma bursite, foi da pancada! E ele a dizer que eu que não tinha, que tinha caído e que não tinha ido ao médico! E eu disse lá ao ortopedista: “Olhe que isso é mentira! Que eu fui ao centro de saúde e tive alta do centro de saúde! E a enfermeira fez-me jogos, com, com o joelho, virava-o, o joelho mandava na minha vida! Tinha era uma ferida! Isto era outra coisas qualquer! A única coisa que fizeram, que não fazem aqui, porque era domingo, era, foi uma radiografia! Mas o médico nem olhou para mim, nem que fosse semana, não mandava fazer aí a radiografia! Ele nem olhou para mim! Disse-me que tinha de ir para Coimbra de ambulância. “Ai, não vou não! Ai, não vou não!” - e não fui! E, e demora, demorei muito tempo e não havia uma cadeira para me sentar, o médico, o médico vinha até para me trazer pelo braço para eu vir-me embora e a minha filha apareceu e é que me trouxe! “Não há uma cadeira para a senhora se sentar” - uma cadeira de rodas para eu vir até à rua, pois não andava, nem uma canadiana, nem nada! É excesso, aquilo é, é muita gente! É que nós, aqui, nem que fosse só para os doentes da região!

E. Ó dona Graça o que é que significa para si ser voluntária? Qual é o significado que a senhora lhe dá?

e. Ser voluntária? É fazer aquilo, alguma coisa em favor dos outros, sem ter nada em conta. Já saiu!

(risos)

E. E vai, pretende continuar a ser voluntária aqui no hospital?

e. Enquanto eu tiver o meu pai em casa que não precise de mim, sim! Posso, posso alargar, posso ir para outro hospital! Pode ser que seja possível!

E. E, o que é que a leva a querer continuar?

e. O que é que?

E. O que é que a leva a querer continuar a fazer voluntariado?

e. A mesma coisa! Fazer alguma coisa pelos outros, sem remuneração, sem recompensa!

E. E, e, e, assim, um motivo que a levaria a desistir?

e. A saúde, falta de saúde. Desistir só por falta de saúde!

E. E na sua opinião, ‘tava a contar desse senhor que lhe disse essas coisas relativamente ao voluntariado e porque é que a senhora vinha fazer cá...

e. Sim, sim, sim!

E. Assim, de uma maneira geral, o que é que acha que a sociedade acha dos voluntários? Como é que ela, como é que a sociedade vê os voluntários?

e. Das pessoas que falam comigo “fazes bem “ ou “faz bem”, “ótimo”, não sei... As pessoas que eu contacto e que têm alguma cultura, acham que eu faço uma obra nobre! Só aquele é que não porque achava que a gente devia de andar aí a lavar o chão!

(risos)

Andar aí com um balde. Mas a ele também tem que se lhe dar um desconto!

E. E a sua família e os seus amigos, o que é que acham de fazer voluntariado?

e. Acham bem! Também se não achassem bem, valia-lhe muito!

E. (risos) A senhora fazia na mesma?

e. Fazia na mesma!

E. E o governo, o estado? O que é que...? Como é que a senhora acha que vê os voluntários?

e. Ele sabe que há voluntários?

E. (risos) Acha que não?

e. (risos) Ele sabe? (risos) Só lhe estou a perguntar: ele saberá? Eu não sei se ele sabe, nunca ouvi nada a nosso respeito! Só sei o Dia do Voluntário, nem sei quando é, mas vejo na televisão.

E. Dia 5 de Dezembro!

e. Mas nunca vi, assim, o Ministro, a reconhecer o nosso trabalho, nem nada, nunca ouvi nada!

E. Usufriui, assim, de algum benefício da lei, por ser voluntária?

e. Já, já, ai, já usufriui aqui – um galo picou-me e eu vim para aqui, e não deve, se se tiver assim uma infecção, nem se deve vir para aqui! Mas eu não tinha, ainda, infecção porque ele tinha-me mordido nesse dia e eu tinha posto lá tintura e eu vim para aqui, mas aquilo inchou e eu andava cá a doer-me uma perna, aquilo inchou e aqui, isto um bocadito a doer-me, e a perna inchada! Fui ali, fui à cirurgia e perguntei por uma freira. Foi por caridade as freiras e a enfermeira perguntou: “O que é que queria à irmãzinha?”; “Oh, foi um galo que me picou, era para ela me fazer aqui um curativo!”, ainda havia urgências. “Então não quer ir lá abaixo?”, disse ela, pois havia urgências, e ela viu e ela disse-me assim: “Ai, tão feio! No fim da volta, passe, tire a farda e passe cá!”. E ela assim foi! Para mim, acho que para mim que já foi, já usufriui de alguma coisa!

E. Já foi um benefício, não é?

e. Já!

E. Que lhe fez bem! E a dona Graça tem orgulho em ser voluntária?

e. Tenho.

E. Então e porquê?

e. Pelo que já aponteí. Sinto-me feliz por ver... Sinto-me feliz por ser, pró ver algumas pessoas mais felizes, um bocadinho, naquele bocadinho que estamos cá! Neste voluntário, neste voluntariado, aqui, não, o que faço lá na catequese, eu na catequese chamam-me, não existe a palavra, mas chamam-se “chefa”! Porque faço tudo e nunca peço, chamam-se “chefa” por isso! “Chefa”, não é chefe, por isso é um termo carinhoso, para mim! A “Chefa”, eu não sou “chefa” de nada! Só que acontece qualquer coisa, “Ô dona Graça!” e a dona Graça, normalmente, resolve e não quer nada em troca! “Olha, morreu uma pessoa” ou um familiar a um miúdo da catequese ou a algum catequista “Olhe, dona Graça, morreu fulano!” – a dona Graça arranja, assim, um ramo de flores em nome de todas e depois não pede dinheiro a ninguém, mas há alguém que se encarrega de distribuir por todos e, depois, entrega!

E. Na sua opinião, onde é que se situa a voluntária: é entre a razão ou o coração?

e. O coração! A razão só nos... o voluntário se não trabalhar, se trabalhar com a razão, deixa de ser voluntário, não é? E, e a sabedoria também não vale muito! Os cursos e médico, e ser professor e ser engenheiro e ser não sei quantos, para o voluntariado não vale muito! Se não tiver coração ou se o tiver fora do sítio ou for de pedra, esqueça!

E. É uma qualidade primordial!

e. Exacto!

E. E que valores é que a dona Graça associa ao voluntariado? Assim, valores, princípios, o que é que associa?

e. Ah, o desprendimento, o saber escutar, o voluntário se não souber escutar, também não presta! E, pronto, tentar dar soluções, também não dá! Tentar dar conselhos, encaminhar, ou tentar encaminhar, tentar acalmar, “faça isto, faça aquilo”, a começar por aqui – é isso!

E. Tem, assim, algum episódio, alguma coisa que eu não tenha perguntado que a senhora queira acrescentar?

e. Não!

E. Olhe, muito obrigada, agradeço-lhe ter vindo falar comigo, e passar este, este bocadinho aqui!